

Alice, Alice, onde estás que não respondes?

Maria Aparecida Fonseca de Almeida¹

*Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... O Bom e o Mau... Dor e Prazer
Tudo, afinal, são formas
E não degraus do ser! (Mário Quintana)*

A leitura da obra *Pensamiento Pedagógico* do educador russo Vasili A. Sujomlinski,² à qual tivemos acesso por ocasião da nossa participação no Congresso Pedagogia 90 em Havana, Cuba (1990), acordou em nós a lembrança do exercício de ensino de Língua Portuguesa e Literatura Infantil, em outras épocas, em um curso de Magistério e, ao mesmo tempo, reavivou a alegria de uma infância longínqua, (mas nem por isso menos presente) construída com o encantamento de pedaços coloridos de louça, retalhos de tecido e, sobretudo, com fragmentos de que são feitos os contos de fada, tal como lembra Walter Benjamin, ao trazê-los à baila em os “Livros infantis antigos e esquecidos” (p.235).

Fiel a essa alegria, temos patente para nós o papel edificante dessa forma de literatura passada do encantamento que permite à criança construir seu próprio mundo, um microcosmos no macrocosmos, conforme, ainda, Benjamin, sem repetir o adulto, mas juntando, a seu modo, os fragmentos do fantástico (p.238).

A criança lida com os elementos do conto de fadas do mesmo modo como lida com retalhos de madeira, tecido ou tijolos. E mais: “o conto de fada é uma dessas criações compostas

de detritos talvez a mais poderosa (criação) na vida espiritual da humanidade, surgida no processo da produção e decadência da saga” (Benjamin, p.238). Os fragmentos, retalhos da manufatura do adulto, são pedaços do real, puros, verdadeiros, e é com esse real que a criança constrói a fantasia. Antes de aprender a ler, o conto de fadas permite à criança apreender a própria contradição do ser humano. Tudo porque nessa forma de literatura a vida real vai revelada com honestidade, espontaneidade e pureza, sem falsidades: a vida como ela é. Aí estão lado a lado o Bem e o Mal. O Mal está aí nos contos, sem disfarces, “contracenando com o Bem”, outra personagem no vasto e estranho teatro da vida. Juntos. Irremediavelmente juntos! Assim o vê a criança, que tem olhos de ver a verdade... e da ficção à razão o passo é curto!

Se o conto não desvela de imediato o mundo aos olhos dos pequeninos, permite que sua linguagem metafórica desenhe em seu espírito, de maneira indelével, as idéias que veicula. A recorrência de sons, a repetição encantatória de palavras nas mensagens conativas (Jakobson. p. 125): ...espelho, espelho meu... ou o emprego dos conectivos continuativos que dão à fala a lógica do relato e criam a tensão dos

1. Docente aposentada da Faculdade de Educação da PUCAMP.

2. Vasili Alexandrowick Sujomlinski (1918-1970). Membro da Academia de Ciências Pedagógicas da URSS. Herói do Trabalho Socialista. Professor na Ucrânia, onde dirigiu por vinte anos a Escola Rural de Pavlish.

contos fantásticos (daí... então... ou a própria estrutura narrativa das estórias), enfim, criam a trama de maneira sensível, aprazível, na linguagem alegórica que torna as mensagens claramente perceptíveis e, por isso mesmo, em definitivo gravadas na mente.

O conto tradicional promove a palavra oral e a escrita, seja por meio da linguagem figurada, seja por meio da ilustração que a ilumina, seja por meio da linguagem onomatopaica com que *acorda* o leitor ou o ouvinte para o concerto ou o desconcerto do mundo. Desse modo, o conto dá o primeiro passo para a iniciação na paixão do ler e do escrever.

Tornando a Sujomlinski, tocou-nos profundamente saber que o pedagogo russo alimentou os alunos da Escola Rural de Pavlish com a lição de heróis lendários, que falou aos pequeninos por meio dos contos tradicionais sobre as coisas que pulsam, ou seja, sobre o sentimento do mundo. Sem apelar para repressões ou castigos, *ensinou* por atitudes afirmativas, pela conduta humana marcada de autenticidade. Para o mestre da Escola de Pavlish a infância não significava um tempo de preparação para a vida adulta, mas a plenitude de um tempo presente, a pujança de um momento que não se repete. E é aí que se haveria de criar o hábito da leitura: atrás do conto vem o livro.

Sabedor de que o emocional é a mola propulsora da inteligência, buscou formar seus alunos pela revelação da alma humana que se desnuda nas obras do patrimônio literário. As leituras que selecionou para os alunos dão a medida de sua ampla visão de educador: eram não mais que 300 livros selecionados entre as obras-primas da literatura ocidental - de Homero a Hemingway - como informa seu biógrafo Solovéichik, além das obras mais notáveis da literatura oriental e do folclore russo. Em suma, “Sujomlinsky criou uma bi-

blioteca inabitual: la *estancia del pensamiento*”, como informa Solovéichik.

Acode-nos, então, esta inquietação: E quanto a nós? Que livros, que contos lêem nossos jovens, nossas crianças?

Persistem para nós muitas indagações: Que jovem não amaria a Homero? Não seriam contos maravilhosos também a Odisséia, as “estórias” que o genial rapsodo grego *alinhou* para compor essa que é uma das mais notáveis epopéias do mundo? Onde, com mais brilho, já se celebrou a epicidade humana senão na Ilíada?

Que criança não amaria repetir-se na façanha de um Joãozinho ou de uma Maria, na glória de uma Cinderela? Ou na sorte do patinho feio, que, ao fim, descobre-se majestoso cisne?

Quem não amaria viver tais situações, todas elas não necessárias, mas contingentes de promessa de riqueza, de amor e de beleza? Que criança ou adulto não se sensibilizaria com os destinos do pobre Pinocchio ou do menino das montanhas do Piemonte, saídos das mãos de um Collodi, de um Amicis, para experimentar, na fantasia, a realidade da construção do viver?

Construir a vida com a força da palavra, com o poder da imagem, com a magia do herói é a mágica do livro infantil. Nele, a dor, os desenganos, a própria morte constitui um ato de esperança, se o herói sofre, chora ou morre “em nome da vida”, como nos lembra Sujomlinsky (p.251).

Poder-se-ia, objetar, talvez, que mais rapidamente pudessem essas obras chegar à infância ou à juventude pela imagem, por intermédio do cinema, do vídeo, das histórias em quadrinhos, as quais são hoje tão aprimoradas no traço e na cor. Mas, exatamente em razão do seu apelo fortemente sensorial, as formas de arte centradas na visão têm um papel altamente *diretivo* na apresentação do mundo objetivo e, em consequência, do próprio mundo subjetivo. Em razão dessa diretividade, o uso exagerado, no

ensino, dos meios audiovisuais, em substituição ao exercício da linguagem escrita ou oral, favorece a pobreza do pensar. Diante das imagens, especialmente daquelas em movimento (o cinema e o vídeo), outras formas de prazer artístico perdem o sabor; tornam-se “anêmicas” (Maggi. p. 203- 4).

Lamentavelmente hoje a imagem vai-se tornando entre nós quase que a única forma prazerosa de arte. E a palavra, especialmente a escrita, vai sendo esquecida. E esquecida mesmo pela escola, empenhada em preencher seu espaço com a tecnologia, julgando, dessa forma, ombrear esta nação às nações desenvolvidas do mundo. Assim, a nossa escola vem pensando cada vez mais na sua finalidade prática, imediata, produtiva...e reprodutiva!

E quanto a nós , educadores ?

Lembremos a Escola Rural de Pavlish na qual cada mestre possuía cerca de 1.000 obras em suas estantes, e seu diretor, Sujomlinski, cerca de 20.000 exemplares , entre narrativas, livros de História, Geografia, Teoria da Arte...

Voltemos, todavia, ao trabalho do educador russo, cuja lição de sã pedagogia importa mais que as lamúrias nossas de cada dia sobre nossa realidade educativa. Procuremos crescer pela reflexão, valendo-nos de outras experiências que dêem alento à nossa descompassada educação.

Pensem, com o mestre russo, que a ânsia de saber é própria do ser humano e que a nós , professores, cumpre manter sempre acesa essa chama, essa sede de conhecimento que possui a criança, o jovem, enfim todos os educandos entregues à nossa experiência. Pensem sobretudo com o educador que “o homem precisa saber por que é homem” (Sujomlinski. p.126).

É preciso centrar o ensino na alegria da descoberta, na vitória que experimenta o aluno sobre si mesmo. À criança, diferentemente do

adulto, a quem interessa o resultado imediato da lição, importa antes o próprio trabalho mental na busca do saber, ou seja, “o colorido emocional do pensamento”. Importa-lhe vencer, ter êxito, seja na “lição tediosa, como amena”. Não se rotule, entretanto, de simplista a Pedagogia do professor russo. Sabia o mestre que não há aprendizagem sem esforço, sem o trabalho da razão e sabia também que a abstração corresponde a uma necessidade do adolescente. Sabia que o aluno começa a pensar “quando aparece a necessidade de contestar as perguntas do professor” (Sujomlinski. p.133).

Assim, recomendava aos mestres de Pavlish serem “generosos” com os fatos e “parcos” nas generalizações, tudo coerentemente como iniciara seus pequeninos no saber por meio das “estórias” nas quais fatos, lutas, façanhas vão “costurados” por palavras mágicas para que de sua tessitura o pequeno leitor intua o mundo e os homens como estes lhes falam à sensibilidade e à razão.

Então perguntamos: Em que medida nossa escola favorece, propõe, estimula a leitura, a escrita?

São outros os tempos, outros os heróis, outra a linguagem. Mas, se a educação é “a magna obra de refletir-nos no homem”, consoante Sujomlinski (p.47): é tempo de perguntar: Qual a medida do homem na educação brasileira? Acaso estaremos nos afastando cada vez mais de nos conhecer, ignorando outras vidas que vão espelhadas em outras “estórias” para que possamos nelas mirar-nos, avaliar-nos e estabelecer, ao fim, nossa própria dimensão?

Em verdade, acima do heroísmo de um Super-Homem, de um Homem-Aranha, de um Batman, a inteligência, a ciência, o saber vão compondo no espírito da humanidade outras histórias pelas mãos dos pensadores, dos sábios, dos mestres, cujas *façanhas* é bom de contar para servirem de estímulo ao homem, o qual

caminha para o século XXI travestido de herói vitorioso, sem ter, no entanto, logrado sua própria humanização.

Afinal, que herói é esse à nossa frente que não se marca de saber ou de coragem, mas de simples poder? E que vitória é essa que não fez do homem, ainda hoje, o super herói moderno, “o mais completo, o mais complexo, o mais harmônico”? (Pessoa. p.520)

Teria a humanidade eleito um novo deus? Conscientemente?

Em que medida estará a escola contribuindo para isso ?

De que heróis se ocupa a escola hoje ? Ou não se ocupa de herói algum ?

Onde a empatia das “estórias” de outrora que nos permitiam apoderar-nos do seu encantamento e magicamente desenharmos nós mesmos nossos protótipos de universo definitivamente ?

O fio de Ariadne já não conduzirá Teseu através do labirinto de Creta? A espada de Dâmocles teria “despencado” afinal sobre sua infeliz cabeça? Teria Penélope abandonado, por fim, a mortalha que tecia para o pai do esposo ausente? E Ulisses? Teria o herói sucumbido ao encantamento das sereias? Não tornará a Ítaca? E quanto a Aquiles, já não o comovem as lágrimas do velho pai troiano? Secaram-se as lágrimas de Dido? Teria ruído o dique de Holanda que a mão de um jovenzinho heroicamente sustinha? Que aconteceu a Ícaro e ao rei Dimas? Sucumbiram definitivamente ante a vaidade e a ambição?

Afinal, para onde Rocinante terá conduzido nosso Cavaleiro Andante, defensor dos pobres, dos fracos, do amor?

E Alice? Dormirá o sono letárgico já sem magia...sem sonhos?

Até quando? ...

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. Livros infantis antigos e esquecidos. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 3. ed., São Paulo: Cultrix, 1970.
- MAGGI, B. La palabra y la enseñanza de la literatura. In: _____. *El pequeño drama de la lectura*. Havana, Cuba, 1988.
- PESSOA, F. *Obras Completas em prosa*. V. 1, Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.
- SUJONLINSKI, V. A. *Pensamiento Pedagógico*. Trad. por Arnaldo Azzati. Prefácio e Seleção de S. Solovéichik. Mosái: Ed. Progreso, 1975.